

Plutarco entre mundos

visões de Esparta, Atenas e Roma

**Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão,
Maria Aparecida de Oliveira Silva
(coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

A ESPARTA DE PLUTARCO ENTRE A GUERRA E AS ARTES PLUTARCH'S SPARTA BETWEEN WAR AND THE ARTS

ROOSEVELT ROCHA (rooseveltrocha@yahoo.com.br)
Universidade Federal do Paraná

RESUMO – A cidade de Esparta tem a fama de ter sido uma sociedade extremamente militarizada. Porém Esparta não foi uma cidade dedicada somente à guerra ao longo de toda a Antiguidade. No século VII a. C., Esparta foi um importante centro artístico que atraiu poetas estrangeiros e, provavelmente, teve seus próprios talentos. Essas duas imagens estão presentes na obra de Plutarco: nas *Vidas* dos líderes lacônios Licurgo, Lisandro, Agesilau e Ágis e Cleômenes, e em outros escritos dos *Moralia* dedicados a Esparta, por um lado, e no livro *Sobre a Música*, por outro lado. Assim, meu objetivo, aqui, é discutir passagens selecionadas no *corpus* plutarquiano onde essas duas imagens da sociedade espartana aparecem, tentando colocá-las em perspectiva para relativizar a ideia de que os lacedemônios eram apenas guerreiros interessados somente em treinamentos militares e batalhas.

PALAVRAS CHAVE – Plutarco, Esparta, miragem, poesia, música.

ABSTRACT – The city of Sparta is reputed to have been a highly militarized society. However, Sparta was not a city dedicated solely to war throughout antiquity. In the seventh century BC, Sparta was an important artistic center that attracted foreign poets and probably had its own talents. These two images are present in the work of Plutarch: in the *Lives* of the Laconian leaders Lycurgus, Lysander, Agesilaus, Agis and Cleomenes, and in other writings from the *Moralia* dedicated to Sparta, on the one hand, and the book *On Music*, on the other hand. Accordingly, my purpose here is to discuss selected passages in the Plutarchan *corpus* where we find these two images of Spartan society, trying to put them in perspective so as to question the idea that the Lacedaemonians were just warriors interested only in military training and battles.

KEY WORDS – Plutarch, Sparta, mirage, poetry, music.

A cidade de Esparta tem uma certa imagem que nos foi transmitida desde a Antiguidade Clássica. Quando pensamos nos espartanos nos vêm à cabeça palavras e expressões tais como autosuficiência, educação rígida, recusa por relações comerciais com outras cidades por via terrestre ou marítima, vida simples e frugal, igualdade de propriedade, dedicação ao treinamento para apresentações de canto e dança em coros e apego às tradições ancestrais. Além disso, quando se pensa em Esparta, de modo geral, chega-se às ideias de estabilidade, organização social rigidamente definida, profunda militarização e autoritarismo. Segundo Rawson (1969: 1), Esparta poderia ser vista como «um estado militarizado e

totalitário, que mantinha em submissão uma população escravizada, os hilotas,¹ através do terror e da violência, que educava seus jovens através de um sistema que incorporava as piores características da escola pública inglesa tradicional, e deliberadamente virava suas costas para a vida intelectual e artística do resto da Grécia». Esse conjunto de características já foi chamado de «via espartana» e foi tratado também como uma «miragem», resultante mais de um processo de idealização, por um lado, ou de um processo de deturpação, por outro lado, do que da observação acurada e imparcial da realidade lacônia.²

Na lista de autores que, de alguma maneira, contribuíram para a formação dessa imagem espartana podemos incluir nomes como os de Tírteu (poeta elegíaco do século VII a. C.), Simônides (poeta que viveu entre o final do século vi e as primeiras décadas do século V a. C. e compôs poemas em homenagem aos guerreiros espartanos que lutaram contra os persas nas Termópilas, por exemplo), Heródoto, Sófocles, Eurípides (em seus dramas os espartanos são tratados de maneira negativa, já que suas tragédias foram compostas no contexto da Guerra do Peloponeso), Aristófanes (eu diria que em suas comédias, a imagem dos espartanos é cambiante. Veja-se principalmente *A Paz* e *Lisístrata*), Tucídides, Platão, Xenofonte e Aristóteles.³ Mas o autor que mais contribuiu para a perpetuação dessa imagem talvez tenha sido Plutarco.

O que pretendo aqui é mostrar que, em Plutarco, encontramos não uma imagem única, monolítica de Esparta, mas uma imagem multifacetada, na qual podemos ver características que podem parecer contraditórias num primeiro exame, mas que, na verdade, eram complementares, como o culto aos ideais guerreiros, por um lado, e o desenvolvimento de atividades artísticas refinadas, por outro lado. Quero mostrar aqui que, para além de uma Esparta militarizada e fechada para as artes e o pensamento inovador, havia também uma Esparta que apreciava a música, a poesia, a dança, a escultura e o artesanato elaborado.

A Esparta que emerge dos textos de Plutarco é uma cidade idealizada, em seus períodos mais remotos, ou seja, na época de Licurgo, e decadente e corrompida pela ambição por riquezas e poder nos momentos finais de sua história como cidade independente, ou seja, nos anos que antecedem a conquista macedônica.

¹ *Heilotai* eram povos escravizados coletivamente pelos espartanos, provavelmente depois que os povos dóricos conquistaram a Lacônia a partir do século x a. C. Na época da Guerra do Peloponeso e no século iv, hilotas lacônios foram convocados para lutar por Esparta e muitos conseguiram a liberdade, sendo chamados *neodamodeis*, ‘novos cidadãos’, a partir de então. Mas os hilotas da Messênia se revoltaram várias vezes contra o domínio lacedemônio. Os hilotas, como escravos da comunidade espartana, e não de indivíduos, precisavam produzir bens agrícolas e entregá-los a seus donos. Desse modo, ao mesmo tempo, os hilotas poderiam ser uma ameaça, mas também eram o alicerce que garantiu a sobrevivência de Esparta ao longo de alguns séculos. Para mais informações, consultar o verbete de Cartledge, em Hornblower e Spawforth (1999) 680.

² Sobre a ‘miragem’ espartana, ver Ollier (1933) 1 ss.

³ Sobre a criação dessa ‘sombra’ espartana, cf. Powell e Hodkinson (1994).

Essa queda desde um ponto alto, nos tempos das reformas de Licurgo, até a morte dos valores espartanos, pode ser vista como uma narrativa única e coerente nas cinco biografias de personalidades espartanas, como bem demonstrou Silva (2006: 111-145). Vejamos então como Plutarco fala de Esparta nessas biografias.

Na biografia de Licurgo, Plutarco explica em vários momentos que não é possível ter certeza sobre várias informações acerca da vida do legislador espartano. Porém algumas informações parecem ser confiáveis: Licurgo era um Euripôntida e foi tutor de seu sobrinho, Carilau, a quem entregou a realeza quando ele alcançou a maioridade (c. 2-3). Depois de viajar por Creta, Jônia e talvez pelo Egito, a Líbia e a Ibéria, Licurgo teria retornado a Esparta e teria promovido uma série de reformas na organização da cidade. Primeiro, ele teria criado a Gerusia, um conselho de 28 anciãos que contrabalanceava o poder dos dois reis e o poder do povo. Depois, uma nova partilha das terras teria sido feita, de acordo com a qual trinta mil lotes foram entregues aos periecos,⁴ povos que moravam nas redondezas de Esparta, e nove mil lotes foram dados aos cidadãos espartanos. Em terceiro lugar, Licurgo teria abolido as moedas de prata e de ouro e teria obrigado seus concidadãos a usar moedas de ferro e, como consequência disso, o luxo teria desaparecido na Lacedemônia e isso levou também a um maior isolamento e ao desenvolvimento de uma vida mais simples (c. 9). Por fim, o legislador instituiu as sissitias, ou seja, as refeições em comum, para que todos comessem da mesma comida e tivessem uma alimentação absolutamente frugal, parcimoniosa.

Plutarco lembra que Licurgo não escreveu suas leis e proibiu que elas fossem escritas. O luxo foi proscrito e o uso do machado e da serra eram permitidos somente em atividades específicas. Ele proibiu a guerra repetida contra o mesmo inimigo para que esse não se tornasse destemido. Quanto às mulheres, ele fez com que as moças se habituassem a aparecer nuas nas procissões e a dançar e cantar nas cerimônias religiosas (c. 14). No que diz respeito aos rapazes, Licurgo estabeleceu a *agoge*, a educação espartana, segundo a qual os jovens deveriam aprender a obedecer, a suportar as fadigas e a vencer no combate. Dentro desse conjunto de valores, o ideal, quanto ao uso da linguagem, era empregar palavras simples e frases curtas. Esse estilo é particularmente elogiado por Plutarco (c. 19). Para ele 'laconizar', significava mais amar a sabedoria do que desenvolver os músculos. E para manter a pureza desse sistema, era preciso manter o isolamento. Por isso, Licurgo limitava as viagens dos espartanos e banuiu os estrangeiros da

⁴ Os *perioikoi* eram os habitantes de cidades próximas a Esparta que possuíam autonomia política, mas eram obrigados a ajudar os espartanos em caso de guerra. Não eram exatamente servos ou escravos, mas realizavam trabalhos manuais com metais, por exemplo, e podiam ser proprietários de terra. Eram chamados de 'lacedemônios' como os espartanos, mas não tinham voz no momento das tomadas de decisões de política externa. Por isso, podemos dizer que seu estatuto era o de 'semi-cidadãos'. Sobre isso, ver o verbete de Cartledge em Hornblower & Spawforth (1999) 1140-1141.

Lacedemônia, porque forasteiros costumam trazer ideias novas e perniciosas (c. 27).⁵

Alguns autores, citados por Plutarco, diziam que Licurgo era um homem especialmente afeito à guerra. Demétrio de Falera, entretanto, diz que ele tinha um temperamento pacífico e Plutarco diz que somente um homem que amava a paz poderia ter tido a ideia de estabelecer as tréguas na época dos Jogos Olímpicos (c. 23). Contudo, de acordo com Aristóteles (citado por Plutarco), Licurgo teria sido o criador do costume da Cripteia, que consistia no envio periódico de alguns dos jovens mais inteligentes para fazer uma emboscada e matar alguns hilotas, descendentes dos povos autóctones que eram escravos dos espartanos, descendentes, por sua vez, dos invasores dóricos. Plutarco, porém, não acreditava que a Cripteia tinha sido introduzida por Licurgo. Ele era um homem pacífico e justo e esse costume só teria se tornado habitual mais tarde, quando o processo de decadência de Esparta já tinha começado (c. 28).

Desse modo, por causa das reformas de Licurgo, Esparta tornou-se a cidade mais poderosa da Grécia durante cinco séculos (c. 29). Mas, por causa da ambição por riquezas e do desejo de poder, os lacedemônios descuraram dos antigos ensinamentos do seu legislador modelar e a Lacônia deixou de ser a primeira dentre as regiões mais importantes da Hélade.

Como podemos ver, para Plutarco, Licurgo é o sábio perfeito e também o legislador paradigmático. Ele é justo, moderado e pacífico. Ele tinha domínio sobre si próprio e demonstrava mansuetude. Seu comportamento era desinteressado e generoso com relação ao seu sobrinho Carilau, mesmo antes de ele nascer. Por isso, Licurgo não se tornou alvo de calúnias e perseguições e se converteu num modelo de abnegação e de magnanimidade (c. 29).

Em seguida, na *Vida de Lisandro*, encontramos mais algumas informações que ajudaram a compor aquela imagem de uma Esparta militarizada e ciosa de seus costumes ancestrais. Plutarco lembra que os espartanos tinham o costume de conservar o cabelo e a barba longos (c. 1). Desse modo, os belos ficariam mais belos e os feios mais assutadores. Quanto ao caráter de Lisandro, Plutarco lembra que ele era um homem simples e desprezava as riquezas (c. 1). Porém, contraditoriamente, Lisandro contribuiu para o enriquecimento e a conseqüente decadência de Esparta. Já notamos aqui que, mesmo nutrindo uma grande admiração pelos lacedemônios, Plutarco encontra espaço para manifestar suas críticas contra certas atitudes dos grandes líderes. No capítulo 8, por exemplo, nosso autor condena Lisandro, porque ele não respeitou seus juramentos, algo indigno

⁵ Isso parece um pouco contraditório, tendo em vista que o próprio Licurgo teria viajado e conhecido diferentes tradições para estabelecer seu conjunto de leis. A ideia, certamente, é que havia elementos interessantes nas leis de outros povos, que o legislador selecionou e adaptou ao ambiente lacônio, e havia costumes considerados ruins por ele. Depois do aprimoramento, deveria vir o isolamento.

de um seguidor das leis de Licurgo. Nesse sentido, Plutarco diz que o dinheiro e o ouro deveriam ser mandados embora de Esparta, porque eles eram flagelos importados que despertavam a cobiça e promoviam a degeneração dos costumes (c. 17). Desse ponto de vista, Lisandro prejudicou Esparta, justamente porque promoveu seu enriquecimento e contribuiu para a dissolução da frugalidade e da simplicidade que caracterizavam o cotidiano dos lacônios, antes das vitórias espartanas na Guerra do Peloponeso.⁶

Na *Vida de Agesilau*, Plutarco nos conta que o biografado foi o segundo filho de Arquidamo (o primeiro tinha sido Ágis) e que, por isso, ele não seria o herdeiro direto do trono de Esparta. De qualquer modo, Agesilau foi educado de acordo com a *agoge* lacedemônia e nosso autor faz questão de frisar que, em decorrência disso, o líder espartano sempre respeitou e praticou as leis de sua cidade (c. 1). Mesmo apresentando uma pequena diferença de tamanho de uma perna para a outra, ele tinha outras qualidades espartanas como a honestidade, a mansidão e a beleza física (c. 2). Sua formação foi tão bem sucedida que, diferente de Alexandre, o grande, e de Haníbal, Agesilau foi um general que conquistou importantes vitórias e, mesmo assim, nunca deixou de obedecer às leis espartanas (c. 15). Mesmo depois de tornar-se um lendário vencedor, ele voltou a Esparta e continuou o mesmo homem de antes, sem apresentar nenhuma novidade no seu comportamento, diferente de outros estrategos quando voltavam de longas expedições a terras estrangeiras (c. 19).

Plutarco nos conta que Lisandro –que dizem ter sido amante de Agesilau na juventude (c. 2)–, pretendia introduzir muitas inovações e mudanças no governo da Lacônia (c. 20). Embora outros líderes de Esparta, como Antálcidas, tenham feito acordos com os Persas e tenham abandonado «covarde e maldosamente» os gregos da Ásia sob o domínio dos bárbaros, como nos diz Plutarco (c. 23), Agesilau sempre foi um defensor da justiça. Entre os capítulos 29 e 30 da *Vida de Agesilau*, nosso autor nos conta que os espartanos que perderam parentes na batalha de Leuctra (em 371 a. C.) se alegraram e os que não perderam ficaram tristes. De certa forma, eles responsabilizaram Agesilau pela derrota e lamentaram ter aceito um rei coxo. Contudo, Agesilau tinha boa reputação e era muito virtuoso. Prova disso é que, sem promover nenhuma inovação, ele disse que era preciso fazer as leis dormirem para que retomassem a autoridade que tiveram no passado.

Entretanto, Plutarco não faz apenas elogios a Agesilau. Cartledge (1987: 418), observa que ele faz críticas a Agesilau por causa de sua ingratidão em relação a Lisandro (c. 8) e condena seu comportamento porque ele teria honrado mais os amigos do que a justiça (c. 13; ver também *Moralia*, 807d). Além disso, Plutarco via uma relação direta entre a decadência de Esparta e a ascensão

⁶ Sobre isso, ver Duff (2002) 161-204 e a introdução de Flacelière e Chambry em Plutarque (1971) 158-173.

ilegítima de Agesilau ao trono (c. 21). Porém, no geral, nosso autor é tão favorável e simpático a Agesilau quanto Xenofonte, que também escreveu uma biografia do rei espartano, a qual, certamente, serviu de base para a *Vida* composta pelo polímata de Queroneia. Segundo Cartledge (1987: 418), para Plutarco, Agesilau foi a encarnação das virtudes peculiarmente espartanas: simplicidade, piedade e autocontrole.⁷

Depois, na *Vida de Ágis* e na *Vida de Cleômenes*, Plutarco narra os últimos momentos da história da Esparta independente, ou seja, o ponto mais baixo da decadência daquela cidade. Os reis Ágis e Cleômenes, que reinaram no século III a. C., tentaram restaurar os antigos valores dos tempos de Licurgo. Eles tinham os dons naturais para levar essa tarefa a cabo. Ágis tinha grandeza de alma e se insurgia contra os prazeres desde antes dos vinte anos (c. 4): não gostava de roupas luxuosas e baniu toda suntuosidade para aderir aos antigos hábitos lacônios caracterizados pela simplicidade de vida. Mas seu exemplo e sua energia não foram suficientes para restaurar os costumes tradicionais e ele foi assassinado ainda muito jovem (cc. 19-21). Aquela Esparta incorrupta e valorosa dos tempos de Licurgo dava seus últimos suspiros.

Cleômenes não era parente de Ágis, mas foi obrigado a se casar com a viúva do rei assassinado, ou seja, Agiátis. Segundo Plutarco (c. 1), Cleômenes era ambicioso e tinha grandeza de alma. Era temperante e simples como Ágis. Ele também quis restaurar os antigos costumes espartanos (c. 11). Primeiro, depois de longa disputa política, abriu mão de seus bens. Depois distribuiu as terras entre os cidadãos. Restabeleceu a educação dos jovens e a disciplina espartana. Ele próprio levou uma vida simples e frugal, para dar o exemplo aos outros lacedemônios, sem insolência nem orgulho excessivo, ou seja, como um modelo de temperança (c. 13). Mesmo quando perdeu sua esposa, Agiátis, por quem se enamorara verdadeiramente, Cleômenes manteve a firmeza e seu caráter elevado e tomou as providências necessárias para garantir a segurança de seus soldados e aliados (c. 22). Depois de reinar por dezesseis anos, Cleômenes morreu (cc. 37-38) e assim terminou a história de Esparta como cidade politicamente autônoma.

Até aqui vimos que podemos encontrar, nas *Vidas* dos líderes espartanos escritas por Plutarco, aquela imagem caracterizada por um conjunto de valores que parecem ter ganhado força numa época lendária e foram se enfraquecendo conforme o tempo foi passando e Esparta foi estendendo seu poder para fora da Lacedemônia. Nesse quadro, vemos uma cidade altamente militarizada, de guerreiros corajosos, disciplinados e afeitos a uma vida sem luxos e sem confortos. Isso poderia indicar que os espartanos eram um povo rude, pouco sofisticado e fechado para as artes.

⁷ Cf. também a introdução de Flacelière e Chambry em Plutarque (1973) 85-88, e Shipley (1998) 1-46.

Porém, várias fontes, arqueológicas, vasculares e mesmo literárias, nos mostram o contrário. Apesar de Tucídides (1.10.2) ter dito que os edifícios em Esparta eram modestos e não correspondiam ao tamanho do poder militar e político da cidade dos lacedemônios em seu apogeu, a avaliação dos monumentos arquitetônicos espartanos precisa ser feita com cuidado. É preciso lembrar que Esparta não foi destruída nas Guerras Médicas como Atenas foi. A capital da Ática foi reconstruída e uma grande soma de dinheiro afluiu para ela por causa das contribuições dos aliados da Liga de Delos. Isso não aconteceu com a principal cidade da Lacônia. Desse modo, nela foram conservados edifícios antigos, do século VI a. C., que apresentavam outro estilo de construção, mais arcaizante do que clássico. Dependendo do ponto de vista, um estilo pode ser mais valorizado do que o outro.

De qualquer modo, Pausânias (3.11.3), viajante do século II d. C. que fez uma descrição de várias cidades da Grécia daquela época, nos informa que havia em Esparta vários monumentos que despertavam a admiração daqueles que por ali passavam, tal como o Pórtico Persa, construído inicialmente com o butim amealhado na guerra contra os persas. Outros exemplos de edifícios que nos últimos anos vêm sendo estudados são o templo de Apolo, em Amiclas, o templo de Ártemis Órtia e o *Menelaion*, onde eram cultuados Menelau e Helena.⁸

Cartledge (2002: 111) nos informa que, depois de 690 a. C., pintores de vasos da Lacônia sofreram influência de artistas do Egeu e adotaram o chamado estilo ‘orientalizante’, o que mostra que, na prática, Esparta não estava isolada do resto do mundo helênico. Ainda segundo Cartledge, nessa época, artesãos lacônios que trabalhavam com bronze começaram a se interessar pela representação de figuras humanas em suas obras e, por volta de 650 a. C., começou a se desenvolver, na região de Esparta, o uso do marfim para produção de objetos gravados. Vemos então que o ambiente artístico na Lacedemônia entre 775 e 650 a. C. não era, de modo algum, estéril ou sem importância.⁹

Como Burn (1960: 275-276) explica, Esparta não virou suas costas para a arte e a poesia. Prova disso é que vasos com detalhes refinados foram fabricados ali e exportados para outras regiões da Hélade até 550 a. C., mais ou menos. Por volta de 600 a. C., Gitiadas, poeta, escultor e arquiteto, projetou o Templo de Atena, também conhecido como Casa de Bronze, por causa das placas feitas com esse metal para decorar o edifício. E em 585 a. C., o segundo templo de Órtia foi construído. Ou seja, havia artesãos trabalhando em Esparta no período arcaico que produziram obras dignas de admiração.¹⁰

⁸ Para mais informações sobre a arqueologia e a arquitetura espartanas, ver Walker (1998), Kaltsas (2007) e Cavanagh (2009).

⁹ Sobre isso, ver também Burn (1960) 180-184 e Stibbe (1996) *passim*.

¹⁰ Ver também Burn (1960) 280-282 e Cartledge (2002) 133-136.

No que diz respeito à música, Plutarco nos dá significativos testemunhos da sua importância em ambiente espartano tanto nas *Vidas* quanto nos *Moralia*. Na *Vida de Licurgo*, no c. 4, por exemplo, encontramos a informação segundo a qual o legislador lendário teria convidado um poeta-legislador de Creta para ir a Esparta com ele. Esse poeta se chamava Tales. Mas talvez tenha havido alguma confusão na tradição manuscrita e esse Tales poderia ser o Taletas de Gortina mencionado algumas vezes no livro *Sobre a Música*, também de Plutarco. Ele teria sido o responsável por curar os espartanos de uma peste com o seu canto.¹¹ Além disso, no mesmo c. 4, nos é dito que Licurgo teria sido o responsável por levar os poemas de Homero da Jônia para sua cidade.

Depois, no c. 21 da mesma *Vida*, Plutarco nos diz que os lacedemônios apreciavam se dedicar à poesia mélica, porque as canções estimulavam seus espíritos e lhes davam coragem para enfrentar os inimigos nas batalhas. Seu estilo era simples e seus temas eram sérios, com o objetivo de promover uma boa formação dos caracteres. Nelas, eram louvados os heróis de Esparta e condenados os covardes que não lutaram até o fim para defender sua cidade. Nos festivais eram organizados três coros de acordo com as idades, um de velhos, outro de adultos e outro de jovens. Cada um cantava sobre a sua bravura: uns falavam dos seus feitos no passado, os outros tratavam das suas ações no presente e os últimos cantavam sobre o seu desejo de realizar grandes proezas no futuro. Esses seriam os temas básicos das canções em Esparta e, por isso, segundo Plutarco, Terpandro e Píndaro estavam corretos ao associar bravura e música e ao mostrar que os espartanos eram o povo mais aguerrido e mais musical.

Por isso, não era por acaso que os jovens cantavam o nomo de Cástor e o peã da marcha (c. 22) e em todo lugar havia danças, festas e banquetes, quando não havia expedições militares (c. 24). Contudo o gosto pela boa música e pela boa poesia não era característico de todos os habitantes da Lacônia, tendo em vista que os hilotas dançavam e cantavam canções vulgares e grotescas, diferentes das composições de Alcman, Terpandro e Espêndon (c. 28). Isso, na verdade, estava associado ao fato de eles serem escravos e, por isso, era compreensível que eles apreciassem canções vis como eles próprios.

Na *Vida de Lisandro*, encontramos algumas informações que reforçam a impressão de que os espartanos tinham, sim, grande sensibilidade para a música. No c. 15, ficamos sabendo que os lacônios, depois de conquistar Atenas, em 404 a. C., queriam destruir aquela cidade, mas, após ouvir um coro da *Electra*, de Eurípides, desistiram. Em seguida, no c. 18, Plutarco nos conta que Lisandro estava sempre acompanhado do poeta Quérilo, encarregado de celebrar os feitos do general. E outros poetas também celebraram Lisandro, segundo nosso autor.

¹¹ Ver Plu., *Mus.* 42 (1146B-C), e Gostoli (1990) 12-13 e.

Na *Vida de Agesilau*, c. 14, lemos que os espartanos apreciavam uma parte da poesia de Timóteo de Mileto, poeta que teria tido algumas cordas de sua cítara cortadas, quando de uma sua visita a Esparta, porque os éforos julgavam que não seriam necessárias mais do que sete cordas, e o instrumento do poeta tinha onze.¹² Essa anedota indica que os lacônios não apreciavam inovações. Porém, a informação do c. 14 da *Vida de Agesilau*, mostra que eles poderiam aceitar pelo menos uma parte da obra de um poeta inovador, desde que essa parte se adequasse ao gosto e às tradições do local. Também nessa mesma *Vida*, c. 21, Plutarco nos diz que o rei Agesilau apreciava os cantos e as danças, mesmo não sendo um ‘especialista’ nas artes.

Por fim, na *Vida de Ágis*, c. 10, encontramos um elogio a Terpandro, a Tales (Taletas?) e a Ferécides, porque, mesmo sendo estrangeiros, professavam o que Licurgo instituiu e, por isso, foram muito honrados em Esparta. Na *Vida de Cleômenes*, c. 2, somos informados que o rei Leônidas elogiou Tirteu, algo facilmente compreensível, tendo em vista o caráter estimulante e guerreiro das elegias daquele poeta. Além disso, nessa mesma *Vida* citada por último, c. 12, Plutarco nos conta que Cleômenes, certa vez, teria encontrado alguns artistas de Dioniso, músicos e atores profissionais que iam de cidade em cidade para se apresentar, e construiu um teatro. Isso mostra que esse rei estimulou, de alguma maneira, as atividades artísticas, mesmo que ele não tivesse o costume de levar artistas com seu exército, de acordo com Plutarco, e nem apreciasse apresentações musicais nos seus banquetes (c. 13).

Tudo isso mostra que Esparta era uma cidade onde a música tinha um papel importe na educação e na guerra e que os lacônios não eram um povo obtuso e indiferente ao poder das melodias. De acordo com Plutarco, tendo em vista agora algumas passagens dos *Moralia*, os espartanos passavam por treinamento rigoroso no que diz respeito à música e à poesia e suas canções estimulavam os espíritos e faziam com que os homens se sentissem entusiasmados e se esforçassem para ser bem sucedidos. Em várias passagens das suas *Obras Morais*, ele elogia o estilo da música deles, porque ela era simples e não afetada e seus temas eram sérios e edificantes. Se alguém estudasse a poesia e as canções de marcha de Esparta acompanhadas pelo aulo, essa pessoa concordaria que Terpandro e Píndaro estavam certos ao associar valor (*andreia*) e música. Como vimos acima, nos trechos citados das *Vidas*, Plutarco também diz que os Espartanos eram o povo, ao mesmo tempo, mais musical (*mousikotatous*) e o mais afeito à guerra (*polemikotatous*).¹³

No livro sobre os *Antigos Costumes dos Espartanos*, Plutarco também elogia os ritmos das canções de marcha (*embaterioi rhythmoi*), porque eles despertavam

¹² Ver Plu., *Agis* 10.

¹³ Cf. *Lyc.* 21.1-4.

a coragem, a audácia e o desdém pela morte, requisitos indispensáveis para o guerreiro valoroso. Os espartanos usavam esses ritmos para dançar, mas também quando avançavam contra os inimigos ao som do aulo. Plutarco lembra que Licurgo associava o amor pela música à prática militar para que o espírito guerreiro, combinado com a melodia, tivesse concordância e harmonia (*symphonia kai harmonia*). Por isso, em tempos de guerra, os reis espartanos ofereciam sacrifícios às Musas antes de ir para a batalha, como Plutarco nos conta nos *Instituta Laconica* 16 (238B-C).

E, para manter a pureza da sua música e dos seus costumes, os espartanos às vezes recorriam a atos violentos. Como Plutarco reporta nos *Instituta Laconica* 17 (238C-D), eles não permitiriam que ninguém desrespeitasse, de modo algum, as regras da música do passado. Nem mesmo Terpandro, um dos mais antigos e melhores citaredos (aqueles que cantavam acompanhados da cítara ou da lira), teria a permissão para acrescentar uma corda extra ao seu instrumento para que suas melodias fossem mais variadas. Ele tentou fazer isso, mas os éforos pregaram sua lira numa parede por causa do seu ato ímpio contrário à tradição. Em outra ocasião, um dos éforos teria procedido com mais violência quando Timóteo, o famoso músico inovador que floresceu na segunda metade do século V a. C., estava competindo no festival das Carneias: ele pegou uma faca e perguntou ao músico de que lado ele deveria cortar as cordas supérfluas, cujo número ultrapassava o tradicional de sete cordas. Outras variantes dessa história são contadas por Plutarco em outros textos, mas, nessas outras passagens, Frínis, outro músico inovador da segunda metade do século V a. C., é o protagonista.¹⁴

Mas, para além da sua importância na educação e nos contextos de batalha, a música tinha grande significado também nas momentos das celebrações religiosas. Dentre as festividades religiosas realizadas na Lacedemônia, uma das mais importantes era a das Carneias, realizada em Esparta e intimamente ligada à história de Terpandro. As origens desse festival eram muito antigas, anteriores ao século VIII a. C., tendo em vista que no século VII os colonizadores espartanos da cidade italiana de Tarento já tinham o costume de celebrá-la.¹⁵ As Carneias eram dedicadas ao deus Apolo Carneu. Em Esparta, havia concursos musicais e atléticos, uma corrida de jovens e um banquete ritual que contava com a participação dos homens adultos que representavam as fraternias. O festival era organizado por cidadãos solteiros e era o momento adequado para que os jovens, que já haviam completado seu período de formação, ingressassem na vida adulta.¹⁶

O que nos interessa aqui é o papel que a música desempenhava no contexto dessas festividades. Um elemento importante nesses momentos de comemoração

¹⁴ Cf. *Prof. virt.* 84A, *Apopthb. Lac.* 220C, e *Agis* 10.7, já citada na nota 9. Cf. Rocha (2008) 654-655.

¹⁵ Brelich (1969) 181-182.

¹⁶ Brelich (1969) 149-150.

eram os concursos. A realização de concursos musicais no âmbito do festival das Carneias não teria acontecido desde o início. A introdução de *agones*, provavelmente, ocorreu quando Terpandro migrou de Metimna (Lesbos) para Esparta, na primeira metade do século VII a. C. Nesse contexto, é importante considerar o testemunho de Helânico,¹⁷ segundo o qual Terpandro teria sido o primeiro a vencer o concurso musical nas Carneias. Esse fato parece estar diretamente relacionado à fundação da primeira escola musical (*katastasis*), em Esparta, por obra do mesmo Terpandro. Segundo Brelich (1969: 186-191), é muito provável que a introdução do concurso musical nas Carneias tenha sido influenciada pela própria *katastasis*.¹⁸ Essa hipótese ganha força se consideramos o capítulo 9 do tratado *Sobre a Música* como um todo. Ali Plutarco fala da primeira *katastasis* fundada por Terpandro e menciona também a segunda *katastasis* liderada por Taletas de Gortina, Xenódamo de Citera, Xenócrito de Locres, Polimnesto de Cólofon e Sácadas de Argos, músicos que teriam instituído as Gimnopédias, em Esparta, as *Apodeixeis*, na Arcádia e as Endimátias, em Argos. Já que os membros da segunda escola musical foram fundadores de festivais¹⁹ em diferentes cidades do Peloponeso, Terpandro também pode ter desempenhado o mesmo papel no contexto das Carneias.

No que diz respeito às Gimnopédias, contudo, encontramos uma situação diferente. Possuímos uma grande variedade de informações sobre esse festival que, inclusive, muitas vezes, são contraditórias. Mas, tratando apenas daquilo que nos interessa aqui, sabemos que, no período das festividades, aconteciam apresentações de coros de adolescentes e adultos, instituídos em honra a Apolo, que cantavam hinos compostos por poetas como Taletas, Álcman e Dionisodoto. Depois da batalha de Tireia em 544 a.C., na qual Esparta lutou contra Argos pela posse da Tireátida, tornou-se costumeiro cantar um peã em honra dos soldados que morreram naquela ocasião. Por causa desse elemento ritual e da comparação com as *Apodeixeis* e as Endimátias, as Gimnopédias foram consideradas festas que indicavam o momento no qual os jovens recém-iniciados eram integrados à vida militar.²⁰

Tendo tudo isso em vista, podemos concluir que é preciso colocar a miragem espartana em perspectiva: Esparta não era tão ‘espartana’ assim e não foi sempre ‘espartana’. Havia espaço naquela cidade para o cultivo das artes, tais como a arquitetura, a escultura, a pintura vascular, a música (que incluía a poesia) e a dança. Nela floresceram poetas como Álcman, Terpandro e Tirteu. Nela surgiram escolas poéticomusicais. Nela viveram poetas estrangeiros, tais como Taletas de

¹⁷ *FGrHist* 4 F 85 = *Ateneu*, 635e = *Terpander Test.* 1 Gostoli.

¹⁸ Cf. também Gostoli (1990) 84-85.

¹⁹ Mais do que fundadores de festivais, é mais verossímil pensar que esses autores foram os responsáveis pela introdução dos concursos musicais como parte das celebrações.

²⁰ Cf Gostoli, (1990) 85-86.

Gortina (Creta) e Sácadas de Argos. E sendo assim, houve um ambiente fértil e favorável para o desenvolvimento e o cultivo de atividades artísticas. Os espartanos foram, sim, grandes guerreiros que contribuíram decisivamente para a vitória dos helenos sobre os persas. Eles cultivaram, sim, suas habilidades guerreiras, a ponto de derrotar os atenienses na Guerra do Peloponeso. Porém, Esparta não foi somente uma comunidade de soldados que dedicavam suas vidas somente à guerra. Esparta foi também uma cidade onde as pessoas cantavam, dançavam e apreciavam a beleza dos edifícios e dos objetos do cotidiano. É preciso reconhecer isso e na obra de Plutarco já encontramos essa imagem multifacetada dessa cultura. Basta direcionar os olhos para outras direções.

BIBLIOGRAFIA

- Brellich, A. *Paidés e Parthenoi*, Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1969.
- Burn, A. R., *The lyric age of Greece*, New York, Saint Martin's Press, 1960.
- Cartledge, P., *Agesilaos and the crisis of Sparta*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1987.
- *Sparta and Lakonia*, London, Routledge and Kegan Paul, 2002².
- Cavanagh, W., *Sparta and Laconia. From Prehistory to Pre-modern: Proceedings of the Conference Held in Sparta, Organised by the British School at Athens, the University of Nottingham, the 5th Ephoreia of Prehistoric and Classical Antiquities and the 5th Ephoreia of Byzantine Antiquities, 17-20 March 2005*, Atenas, British School at Athens, 2009.
- Duff, T. E., *Plutarch's Lives. Exploring Virtue and Vice*, Oxford, Oxford University Press, 2002.
- Gostoli, A., *Terpander*, Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1990.
- Hodkinson, S. & Powell, A., (eds.) *Sparta: New Perspectives*, Cardiff, The Classical Press of Wales, 2000.
- Hornblower, S. & Spawforth, A. (eds.), *The Oxford Classical Dictionary*, Oxford, Oxford University Press, 1999.
- Kaltsas, N., *Athens-Sparta. Contributions to the Research on the History and Archaeology of the Two City-States*, Nova Iorque, Onassis Cultural Center, 2007.
- Ollier, F., *Le mirage spartiate. Étude sur l'idealization de Sparte dans l'Antiquité Grecque du début de l'école cynique jusqu'à la fin de la cité*. 2 vol, Paris, Les Belles Lettres, 1933-1943.
- Plutarco, *On Sparta*, London, Penguin, 2005.
- Plutarco, *Obras Morais. Sobre o afeto aos filhos* (introd. e trad. Carmen Soares) e *Sobre a Música* (introd. e trad. Roosevelt Rocha), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- Plutarque *Vies*, Tome I. Text établi et traduit par Flacelière, R., Chambry, É. et Juneaux, M., Paris, Les Belles Lettres, 1957.
- Plutarque, *Vies*, Tome VI. Text établi et traduit par Flacelière, R. et Chambry, É., Paris, Les Belles Lettres, 1971.
- Plutarque, *Vies*, Tome VIII. Text établi et traduit par Flacelière, R. et Chambry, É., Paris, Les Belles Lettres, 1973.
- Powell, A. & Hodkinson, S. (eds.), *The shadow of Sparta*, Londres, Routledge, 1994.
- Rawson, E., *The spartan tradition in european thought*, Oxford, Oxford University Press, 1969.

- Rocha, R., «Plutarch and the music», in A. G. Nikolaidis (ed.) *The unity of Plutarch's work*, Berlin, De Gruyter, 2008, pp. 651-656.
- Shipley, D. R., *A commentary on Plutarch's Life of Agesilaos*, Oxford, Clarendon Press, 1998.
- Silva, M. A. O., *Plutarco Historiador*, São Paulo, Edusp, 2006.
- Stibbe, C. M., *Das andere Sparta*, Mainz am Rhein, Philipp v. Zabern Verlag, 1996.
- Walker, S. E. C. & Cavanagh, W. *Sparta in Laconia: Proceedings of the 19th British Museum Classical Colloquium held with the British School at Athens and King's and University Colleges, London 6-8 December 1995*, Atenas, British School at Athens, 1999.